

EFEITOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA NA SUBJETIVIDADE: SOLTEIROS POR OPÇÃO

Sandra Aparecida Serra Zanetti¹, Isabel Cristina Gomes¹

Universidade de São Paulo – USP

Av. Prof. Mello Moraes 1721 – São Paulo - SP

sandra.zanetti@gmail.com

Resumo

A contemporaneidade oferece condições socioculturais e econômicas de existência precárias e, por consequência, vínculos frágeis. Por intermédio de autores como Bauman (2001, 2004) e Lipovetsky (2004) é possível compreender que mudanças na sociedade acarretam em perdas de referências estáveis, interferindo no sentimento de segurança e confiança dos indivíduos, que tendem a estabelecer vínculos soltos e a manter um padrão de vida mais voltado para a realização individual. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é demonstrar o modo como três características da sociedade contemporânea - “modelo tecnológico”, “consumismo” e “narcisismo moderno” - articulam-se com a construção subjetiva de indivíduos entre 25 e 35 anos que optam por não se vincular amorosamente de maneira compromissada. Utilizou-se metodologia clínico-qualitativa através de entrevistas semidirigidas no estudo de dez casos, de ambos os sexos, cuja análise dos dados contou com o embasamento teórico da psicanálise das configurações vinculares. Os resultados apontam para a presença destas características na subjetividade dos participantes e relação das mesmas com a opção pela não construção de um vínculo amoroso compromissado.

Palavras-chave: subjetividade; contemporaneidade; vínculo; sociedade; amor.

Abstract

The contemporaneity offers conditions of existence socio-cultural and economic precarious and, consequently, weak links. Through authors as Bauman (2001, 2004) and Lipovetsky (2004) it is understood that changes in society lead to loss of stable references, interfering with the feeling of security and confidence of individuals, which tend to establish weak links and maintain a standard life more focused on individual achievement. In this context, the objective of this work is to demonstrate how three characteristics of contemporary society - “technological model”, “consumism” and “modern narcissism” – are articulated with the subjective construction of individuals between 25 and 35 years, who choose to not form a loving link committed. Was used a clinical-qualitative methodology with a semi-structured interviews in the study of ten cases, both sexes, whose analysis of the data relied on the basis of psychoanalysis of link configurations. The results indicate the presence of these characteristics in the participants’ subjectivity and their relation with the option of to not form a loving link committed.

Keywords: subjectivity; contemporary; link, society, love.

1. Introdução

Os efeitos de mudanças socioculturais profundas, advindas de interferências em nível global, são diversos, entretanto, entre elas destaca-se a fragilização dos vínculos sociais. Artigos científicos e populares atuais procuram atentar para as mudanças no estilo de vida da população, que propõe uma nova alternativa à família: ficar sozinho.

É possível perceber estudos atuais preocupados em compreender os indivíduos que preferem ficar sozinhos e suas novas formas de se relacionar, isentas de compromissos, no sentido de perceber se realmente se trata de uma opção que envolve satisfação e bem-estar, mas contradizem-se a este respeito (ANTUNES, 2010; HOSTLETER, 2009; SCHACHNER, SHAVER & GILLATH, 2008).

Enquanto outros se preocupam em defender este novo estilo de vida como uma opção válida e alertam sobre o preconceito que esta população sofre (BYRNE & CARR, 2005; DE PAULO & MORRIS, 2005; KAISER & KASHY, 2005).

Paralelamente, são diversos os autores que percebem na conjuntura atual elementos socioculturais que favorecem a precariedade, a vulnerabilidade e a incerteza como as características mais marcantes dessa era, interferindo na construção do indivíduo atual. Para Bauman (2001), na “modernidade líquida” os elos que entrelaçavam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas se diluíram, e, com isso, também se instalou um estado de incerteza na forma como se configuram os relacionamentos humanos.

Esse autor mostra que, atualmente, o compromisso com outra pessoa aparenta cada vez mais como uma armadilha que deve ser evitada a qualquer custo, já que pode trazer responsabilidades e dificuldades que os indivíduos não se consideram nem aptos, nem dispostos a suportar. Neste cenário “líquido”, afirma Bauman (2004), quando a qualidade o decepciona, você deve procurar a salvação na quantidade e quando a duração não está disponível, é rapidez das mudanças que pode redimi-lo.

Sennett (2008), ao observar os mesmos efeitos que Bauman (2001) na sociedade contemporânea, assinala como inevitável o fato de que as fraquezas de lealdade e de compromisso mútuo do ambiente de trabalho venham solapar o universo da família, e questiona-se: “Como pode

um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?” (SENNETT, 2008, p. 27).

1.1 Características da Sociedade Contemporânea

Para Bauman (2001) características “líquidas” fazem da situação atual nova e diferente. Observa que o que costumava ser visto como propriedade coletiva da humanidade está sendo fragmentado, individualizado, deixado à administração dos indivíduos e seus recursos.

Os padrões de referência outrora rígidos tornaram-se maleáveis, afirma o autor. A principal ideia em que se baseia para denominar essa era de “líquida” é a de que no projeto em busca da perfeição e da emancipação da humanidade, os autores modernos esforçaram-se por “derreter” tudo que havia de “sólido” e tornaram o mundo, os padrões de referência, as parcerias e todo tipo de relacionamento apoiado no compromisso, na honra e na solidariedade, “líquidos”. Para o autor, na modernidade os valores de compromissos e as parcerias foram percebidos como empecilhos para um bom desenvolvimento das instituições que visavam principalmente o lucro, já que estas restringiam movimentações financeiras. Contudo, não tinham consciência de que se tratava também de referências sólidas que organizavam as experiências do humano.

O trabalho adquiriu alto valor nos tempos modernos. Foram-lhe atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos já que foi o responsável por algum tempo por providenciar riquezas e eliminar a miséria, mas principalmente por contribuir para o estabelecimento da ordem. Entretanto, a natureza outrora acumulativa e de longo prazo do progresso cedeu lugar ao preceito da flexibilidade atualmente, em que as estratégias e os planos de vida só podem ser de curto prazo.

A presença de um “capitalismo leve” (BAUMAN, 2001) levou ao esfacelamento das referências e ao desconforto da insegurança porque as condições atuais do trabalho tornaram-se razoavelmente instáveis. A ideia de progresso da modernidade estava vinculada à de autoconfiança no presente. No entanto, a confiança e a credibilidade nas agências “capazes de mover o mundo para frente” se diluíram, afirma o autor, porque o poder foi tirado do Es-

tado e “flui bem além de seu alcance” (p. 154).

Da mesma forma, para Lipovetsky (2004), na “hipermodernidade”, como denomina essa época, sofre-se com a presença marcante do efêmero e, como consequência, com a sensação de insegurança. Atribui esses fenômenos à rápida expansão do consumo, da comunicação de massa e da corrida pela competição, bem como ao enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares características da modernidade, e ao surto da individualização que consagrou o hedonismo e a sociedade de consumo. A lógica do processo e dos rumos da sociedade encontra-se sob o domínio de um sistema globalizado que se movimenta em função do lucro e não das necessidades dos seres humanos. O medo, a perda de fé no futuro e a insegurança então passaram a fazer parte da experiência cotidiana, para o autor.

Baudrillard (2007) concorda que a instabilidade em torno do trabalho é também influenciada pelos efeitos da “sociedade de consumo”: “o custo de um progresso rápido na produção de riquezas é a mobilidade da mão-de-obra” (p. 34). A necessidade do alto consumo leva à pressão psicológica e social da mobilidade, da concorrência em todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura, etc.). Em última análise, afirma o autor, “o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra” (p. 35).

Bauman (2001) reconhece no consumismo, acima de tudo, uma vertente de uma compulsão transformada em vício que “luta morro acima contra a incerteza aguda e enervante e contra um sentimento de insegurança incômodo e estupidificante” (p. 95). Ou seja, para este autor, atrás das marcas do consumismo está a dor da insegurança, e a promessa de que, ainda que por alguns instantes, algum sentimento de segurança seja conquistado por meio dos objetos que são carregados nos braços para casa. Desta forma, o consumismo transforma-se num ritual “feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites” (p. 96). Contudo, um ritual que deve ser realizado diariamente porque não há nada colocado na prateleira do supermercado que não indique que é “melhor ser consumido antes de” (BAUMAN, 2001, p. 96).

A respeito dessa lógica consumista que perpassa

as construções subjetivas, Charles (2004), concordando com Bauman (2004), assinala que esse fenômeno se desdobra num efeito em que o indivíduo se torna “fundamentalmente instável, sem vínculos profundos, de gostos e personalidade oscilantes” (p. 44), além de levar a uma superficialidade aos vínculos, que sugere ter contaminado o conjunto do corpo social.

Portanto, no âmbito dos relacionamentos humanos, é possível afirmar que as condições socioculturais e econômicas atuais traduzem-se em sentimentos de falta de confiança e insegurança levando o indivíduo a acreditar que somente consigo mesmo pode realmente contar. No entanto, além das causas já apontadas, outras complementares, decorrentes do modelo tecnológico também marcam as relações humanas atualmente, contribuindo de outro modo para a deterioração dos laços, como apontam Sá, Mattar e Rodrigues (2006).

Segundo esses autores, todas as formas de relacionamento na contemporaneidade estão marcadas pela solidão e a tentativa de controlá-la através da disponibilização do outro. Apontam que as queixas pelo modo como se dão os relacionamentos amorosos atualmente, avessos ao compromisso e à previsibilidade, têm por pano de fundo uma sociedade cujo modelo de sociabilidade ancora-se na instrumentação técnica, em que o homem desvela-se a si próprio e ao outro como “fundo de reserva”, disponível ao uso, meio para um fim. O desenraizamento sofrido pelo homem na modernidade progrediu à medida que o homem respondeu à ideia de controlar as relações assim como as demais atividades de sua vida na era da técnica (SÁ, MATTAR & RODRIGUES, 2006).

Ademais, em função dos laços fragilizados e das condições de precárias e instáveis do mundo, autores como Lasch (1983) e Costa (2003) sugerem que o ser humano, em decorrência das condições socioculturais e econômicas apresentadas, passou a estar mais autorrefugiado em seu narcisismo. Contudo, para Costa (2003), apesar do narcisismo em cena, o percebe como “efeito de traumatismo”, representando uma estratégia de sobrevivência. Define o “narcisismo moderno” como um mal-estar cultural atual, mas que não se traduz a um “excesso qualquer de narcisismo”. Ao contrário do que propõe Lasch (1983), o homem narcísico não sofre por querer “gozar demais” para

Costa (2003). “O narcisismo moderno é um narcisismo re-generador” (COSTA, 2003, p. 169). Ou seja, o que há neste processo é uma relação violenta entre a sociedade contemporânea e este novo indivíduo, que procura se recuperar dela, investindo narcisicamente em si.

2. Objetivos e Método

O objetivo deste trabalho está em compreender a correlação que possa se estabelecer entre três características da sociedade contemporânea - o “modelo tecnológico”, o fenômeno do “narcisismo moderno” e o “consumismo” – e as características da estruturação da subjetividade de indivíduos adultos que optam por não se vincular amorosamente de maneira compromissada.

Partiu-se da hipótese de que a escolha destes indivíduos é influenciada pelas características da sociedade contemporânea citadas, capazes de interferir na estruturação de suas subjetividades. Com base na metodologia de pesquisa clínico-qualitativa (TURATO, 2003), foram realizadas entrevistas semidirigidas com dez os participantes, entre 25 e 35 anos, de ambos os sexos, que se denominavam como “solteiros por opção”.

Elaborou-se um roteiro de entrevista semidirigida composto por quatro partes. A primeira parte consiste em obter dados gerais dos entrevistados. A segunda parte visa compreender a dinâmica familiar por meio da história de vida do entrevistado. A terceira parte foi constituída por temas que visam compreender características da subjetividade destes indivíduos (valores, formação da identidade, importância das atividades profissionais, hábitos, planos e projetos). A quarta parte visa compreender as motivações da opção por permanecer solteiro.

Os participantes foram convidados por meio de contatos da pesquisadora. Em todos os contatos foram explicitados os objetivos da pesquisa e, caso fosse aceito o convite, foi ainda necessário o consentimento da participação.

Tendo-se como referencial teórico a psicanálise das configurações vinculares, primeiramente foram analisados os dados de cada participante, visando à realização da construção interpretativa de seus dados e, posteriormente, a apresentação dos dados em forma de categorias de análise, que serão apresentadas neste texto.

3. Resultados e Discussão

a. O “Modelo Tecnológico” e a Construção da Subjetividade

O “modelo tecnológico” está presente, como característica da subjetividade, em todos os casos. João Pedro e Gustavo, por exemplo, sentem a necessidade de se adaptar constantemente às situações, e às transformações profundas e rápidas da contemporaneidade, mas não sentem isso como algo ruim. Gustavo, como a maioria dos participantes, não pensa em se comprometer com alguém porque está mais preocupado com o desenvolvimento de sua carreira. E embora esteja preocupado com a instabilidade, esta impera em sua vida e a vive com prazer.

Alguns deles, por interferência do “modelo tecnológico”, concebem o relacionamento como uma necessidade para aqueles que sofrem por ter essa necessidade.

Ou seja, o outro é percebido como um objeto que preenche alguma lacuna ou falha. Eliane, por exemplo, diz que “algumas pessoas precisam de alguém para ser alguém”.

Ela conta com certa tristeza que o casamento dos pais não deu certo, que vivem juntos ainda hoje, embora briguem bastante, e que nunca viu um casamento “bem sucedido”. Esse modo de se referir aos relacionamentos também é algo que apareceu com frequência. A maioria se refere ao casamento como ser ou não funcional, ser ou não bem sucedido, outra característica deste modelo.

Ademais, os entrevistados localizam o parceiro de modo utilitarista, porque a pessoa esperada, quando esperada, deve se adequar aos seus ideais, à sua vida, às suas necessidades e prioridades, como a carreira. Patrícia, por exemplo, ainda bastante perpassada pela separação dos pais aos seus oito anos, não quer se apaixonar e o seu relacionamento mais longo durou o tempo em que o namorado pôde ajudá-la com os custos da faculdade.

b. O “Consumismo” e a Construção da Subjetividade

Os traços do “consumismo” são entendidos como presentes na construção da subjetividade, no âmbito do relacionamento amoroso, principalmente, na capacidade de troca e de descartabilidade, na preferência pela quantidade ao invés da qualidade, e quando o outro é desejável somente enquanto satisfaz, ou seja, é tratado como uma

mercadoria, ainda que isso não seja plenamente consciente para quem o faz.

O “modelo do consumismo” pode ser percebido claramente em 90% da amostra dos participantes. O funcionamento de tratar uma pessoa como uma mercadoria, a capacidade de descartabilidade do outro com quem está “ficando” ou “ficou” está disseminada na sociedade como algo bastante comum.

3.3 “Narcisismo Moderno” e a Construção da Subjetividade

A baixa tolerância à frustração e a dificuldade de convivência com o outro foi percebida em todos os casos e os participantes tem clara consciência disso. Eles se denominam como teimosos; com personalidade difícil; com uma sinceridade inadequada; autoritários; espontâneos; irritáveis; metódicos; ansiosos e de gênio ruim.

Contudo, a não passaram a sensação de que isso era um problema. A dificuldade de convivência com os outros era relatada com muita simplicidade e com certo humor. Como se neles já estivesse bem introjetado que isso não deve ser a maior preocupação da vida porque o que realmente ocupa importância é a satisfação pessoal.

Quando não é a carreira, os estudos ou a liberdade de sair com os amigos que prepondera, são as idealizações pessoais. Patrícia acha que hoje em dia as pessoas têm dado mais atenção à carreira do que à família e considera isso razoável. Gustavo pensa que as pessoas têm ficado mais egoístas, que pensam mais em realização pessoal do que em constituir família, e que faz parte desse círculo.

4. Considerações Finais

O fenômeno do “narcisismo moderno”, de acordo com Costa (2003), é efeito das condições traumáticas de vida que faz o indivíduo voltar a si mesmo como estratégia de sobrevivência. Esse fenômeno, como decorrência de todas as características da contemporaneidade, pode ser o principal fator que os afasta de um vínculo. Justamente o conceito de vínculo se diferencia do de “relação de objeto” por considerar o outro como um diferente que tem efeito sobre mim. Dentro desse conceito, a alteridade tem sido amplamente estudada porque para alguns autores é a principal origem dos conflitos entre os casais, que, segundo Berenstein (2010), resulta da crença de que o parceiro deveria pensar, agir, sentir e viver

em semelhança. Por isso, a alteridade é desorganizada, mas também fonte de crescimento e amadurecimento.

Conflitos naturais de um relacionamento que, como relata Bauman (2004), os indivíduos de hoje não estão aptos nem dispostos a suportar. O que pode ser entendido em termos de mecanismos psíquicos subjacentes neste modo narcísico de se organizar é uma grande dificuldade de lidar com a frustração. Esses indivíduos estão focados em suas carreiras, procuram evitar sentimentos desagradáveis e cultuam o prazer ao máximo.

O modelo da técnica, da eficiência e do sucesso estão realmente incorporados em suas construções subjetivas e afetivas, passaram a fazer parte do modo como se concebe o outro e o relacionamento amoroso atualmente.

5. Referências Bibliográficas

ANTUNES, M. S. X. Itinerários da vida de solteira: razões e sentidos em projetos de vida de mulheres solteiras à luz do sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação. Dissertação em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2010.

BAUDRILLARD, J. A Sociedade de Consumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERENSTEIN, I. Conflictos en la pareja y/o conflictos de pareja. Actualidad Psicológica, 7-10, 2010.

BYRNE, A. & CARR, D. Caught in the Cultural Lag: The Stigma of Singlehood. Psychological-Inquiry. 16(2-3), pp. 84-91, 2005.

CHARLES, S. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles lipovetsky. In G. Lipovestky, Os tempos Hipermodernos (pp. 13-48). São Paulo: Editora Barcarolla, 2007.

COSTA, J. F. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

DE PAULO, B. & MORRIS, W. Singles in Society and in Science. Psychological-Inquiry. 6(2-3), pp. 57-83, 2005.

HOSTLETER, A. J. Single by Choice? Assessing and Understanding Voluntary Singlehood Among Mature Gay Men. Journal of Homosexuality, 56(4), pp. 499-531, 2009.

KAISER, C. & KASHY, D. The Contextual Nature and Function of Singlism. Psychological-Inquiry. 16(2-3), pp. 122-126, 2005.

LASCH, C. A Cultura do Narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, G. Os Tempos Hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

SÁ, R. N.; MATTAR, C. M. & RPDRIGUES, J. T. Solidão e Relações Afetivas na era da técnica. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, 18(2), pp. 111-124, 2006.

SCHACHNER, D. A.; SHAVER, P. R. & GILLATH, O. Attachment style and long-term singlehood. Personal Relationships, 15, pp. 479-491, 2008.

SENNET, R. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TURATO, E. R. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2003.